

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

4º BIMESTRE

AUTORIA

LOURENA DA SILVEIRA COSTA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Para realizar as atividades propostas neste Roteiro de Atividades, o aluno deverá fazer a leitura da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz para facilitar a interpretação e resolução das questões. Essa obra pertence ao gênero romance, que é o gênero textual trabalhado ao longo do 4º bimestre. Os textos geradores que compõem as atividades pertencem a esta obra, *O Quinze*, de **Rachel de Queiroz**.

O romance mais popular da escritora Raquel de Queiroz, *O Quinze*, retrata a esperança, a fome, o milagre, a morte, a separação e a fé em Deus de que um dia chuvoso irá melhorar a vida de muitos retirantes sofredores. A obra que foi escrita em 1930, conta a saga de retirantes com muita fome que chegam a se alimentar de tripas de carneiro durante a seca de 1915, que também foi vivida pela escritora.

O título desse romance refere-se à grande seca de 1915, vivida pela escritora em sua infância. Na narrativa, destacam-se duas situações: primeiro, a seca e as consequências acarretadas tanto para o vaqueiro Chico Bento e sua família como para Vicente, grande proprietário e criador de gado; em outro plano, a relação afetiva entre Vicente, moço puro, mas rude, e Conceição, moça culta da capital. Embora o romance denuncie as condições adversas em que vive o nordestino, não apresenta a má distribuição das terras como o problema maior do Nordeste; grandes proprietários e pobres trabalhadores são pintados com as mesmas cores: são ambos heroicos e igualmente batidos pelo inimigo comum – a seca.

Este trecho mostra um dos momentos da penosa travessia que a família de Chico Bento realiza através do sertão castigado pela seca.

O gosto amargo da vida

Rachel de Queiroz

Eles tinham saído na véspera, de manhã, de Canoa.

Eram duas horas da tarde.

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

– Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer.

Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas¹ sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca.

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turvou-se como as idéias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também, só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuauçu que parecia ter passado perto deles. Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava, passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu.

O Quinze. 20ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio. 1976.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

O fragmento lido retrata fundamentalmente:

- Um casal que, durante o tempo de uma viagem, recorda o dia de seu matrimônio ocorrido há muitos anos.
- A preocupação política que agitava o Brasil, no século passado, retratada através do deslocamento geográfico do casal: Chico Bento e Cordulina.
- A marcha penosa e trágica da família de Chico Bento, que representa o drama vivido pelo retirante nordestino, fugindo da seca causticante que assola toda aquela região.
- A transposição física de uma família, de uma região para outra, por problemas de inadaptação político-econômica.

Habilidade trabalhada

Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito do conteúdo.

Resposta Comentada

Alternativa c

Através da leitura do trecho do romance “O quinze” o aluno deverá ser capaz de identificar que a opção correta é a letra **C**, que narra a penosa trajetória vivida pelas personagens dessa obra, fazendo inferências e antecipações com a leitura do texto.

QUESTÃO 2

Com o auxílio do dicionário, assinale a alternativa em que as palavras entre parênteses podem substituir as do texto, sem prejuízo de sentido:

- a) No colo da mulher, o Duquinha, também, só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos **ressequidos (pintados)**, aos pobres olhos doentes.
- b) Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em **falripas (cabelos muito ralos na cabeça)** sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca.
- c) Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum **tejuacu(trem)** que parecia ter passado perto deles.
- d) Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a **tresvariar (engasgar)**; a vista turvou-se como as idéias; [...]

Habilidade Trabalhada

Usar adequadamente o dicionário.

Resposta Comentada

Alternativa b

Um dos benefícios da utilização do dicionário é o aprimoramento do vocabulário, tão necessário ao repertório, pois ao estabelecerem familiaridade com uma dada palavra, os educandos conferem questões ortográficas, semânticas, morfológicas, estilísticas (que é o caso da linguagem figurada), entre outras.

Esta questão tem o objetivo de levar o aluno a utilizar adequadamente o dicionário, observando todas as informações que podem ser obtidas em um verbete, por isso diante desse instrumento o aluno identificará que a opção que não traz prejuízo de sentido ao texto é a letra **B**. As demais mudam completamente o texto.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Enquanto na oração: “Eles tinham saído na véspera, de manhã, de Canoa.” (1º§), a pontuação segue as determinações gramaticais vigentes, o mesmo NÃO se pode apontar em:

- a) Dedico-me a teatro; você, a cinema.
- b) “– Crianças, comportem-se imediatamente!” – exclamou o professor.
- c) O Departamento de Finanças Públicas, não assinou o projeto.
- d) Lágrimas, súplicas, pedidos, nada o demoveu da idéia.

Habilidade Trabalhada

Reconhecer a importância dos conectivos e da pontuação no encadeamento das orações.

Resposta Comentada

Alternativa c

Os sinais de pontuação são recursos gráficos próprios da linguagem escrita. Embora não consigam reproduzir toda a riqueza melódica da linguagem oral, eles estruturam os textos e procuram estabelecer as pausas e as entonações da fala.

O objetivo desta questão é que o aluno seja capaz de: construir um comportamento revisor em relação a seu próprio texto e ao dos outros; perceber que a pontuação é um recurso utilizado pelo autor para orientar o entendimento do leitor e constatar que, na maioria das vezes, há mais de uma possibilidade de pontuação.

Sendo assim, a resposta correta é a letra C, em que se encontra errada o uso da vírgula, pois não se separa sujeito de seu verbo.

TEXTO GERADOR II

O fragmento abaixo mostra a persistência de Vicente que permanece na própria fazenda, lutando contra o sol escaldante e a mortandade do gado.

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado.

Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rabentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão.

Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês.

Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo.

Uma vaca que se afastava chamou a atenção do rapaz, que deu um grito:

– Eh! menino, olha a Jandaia! Tange para cá!

E chamando o vaqueiro:

– Você viu, compadre João, como a Jandaia tem carrapato? Até no focinho!

O João Marreca olhou para o animal que todo se pontilhava de verrugas pretas, encarçando-lhe o úbere, as pernas, o corpo inteiro:

– Tem umas ainda pior... Carece é carrapaticida muito... E as reses assim fracas...

Vicente lastimou-se:

– Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato... Dá vontade é de deixar morrer logo!

– *Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a Dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de S. José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém.*

Escandalizado, indignado, Vicente saltou de junto da jurema onde se encostava:

– *Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal empregado tanto gado bom!*

E depois de uma pausa, fitando um farrapo de nuvem que se esbatia no céu longínquo:

– *E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu a carne tem que roer os ossos.*

O vaqueiro bateu o cachimbo no tronco e pigarreou um assentimento.

Vicente continuou:

– *Do que tenho pena é do vaqueiro dela... Pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com tanta família!...*

– *Ele já está fazendo a trouxa. Diz que vai pro Ceará e de lá embora pro Norte...*

Vicente se dirigiu ao seu velho pedrês, enquanto o vaqueiro comentava:

– *Nem parece que este bicho come milho todo dia... Já tão descarnado!...*

Vicente montou:

– *Vocês fiquem por aqui, até acabar. Eu tenho que fazer lá em casa.*

Sacudido pela estrada larga do quartau, seguiu rápido, o peito entreaberto na blusa, todo vermelho e tostado do sol, que lá no céu, sozinho, rutilante, espalhava sobre a terra cinzenta e seca uma luz que era quase como fogo.

Chegando em casa, o pai, que fumava numa rede do alpendre, foi-lhe ao encontro:

– *Que tal a rama?*

– *Boa... o gado vai comendo...*

– *E o carrapato?*

– *Ah, o carrapato é que está ruim. Meu pai ainda não viu aquelas reses que pastam lá para a lagoa cercada? Faz pena! Vou até mandar buscar mais carrapaticidade em Quixadá.*

O Major atalhou:

– *Em Quixadá não tem de venda. Pode ser que se encontre um resto é no Logradouro. Domingo, a comadre Inácia banhou o gado dela todo.*

O moço foi entrando em casa:

– *Então, depois do almoço vou lá.*

(QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 28. ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1982. Pp. 5-7)

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Identifique, entre os quatro exemplos extraídos do texto, aqueles que se apresentam em discurso direto:

- I. Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado.
- II. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo.
- III. – Em Quixadá não tem de venda. Pode ser que se encontre um resto é no Logradouro. Domingo, a comadre Inácia banhou o gado dela todo.
- IV. – Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato... Dá vontade é de deixar morrer logo!

- a) a. I e II.
- b) b. II e III.
- c) c. III e IV.
- d) d. I, II e III.

Habilidade Trabalhada

Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta Comentada

Alternativa c.

Esta questão retoma, com mais profundidade, o descritor “Diferenciar e utilizar adequadamente os discursos direto e indireto”, trabalhado no 3º bimestre. Neste bimestre, espera-se que o aluno diferencie não somente os dois discursos citados, como também, o indireto livre e utilize-os corretamente.

Quanto à citação do discurso alheio, cada citação assume um papel distinto no interior do texto, pois:

Ao escolher o discurso direto, cria-se um efeito de verdade, dando a impressão de preservar a integridade do discurso.

Já a opção pelo discurso indireto cria diferentes efeitos de sentido.

O primeiro, que elimina elementos emocionais ou afetivos gera um efeito de sentido de objetividade analítica, depreendendo apenas o que o personagem diz e não como diz.

O segundo tipo serve para analisar as palavras e o modo de dizer dos outros e não somente o conteúdo de sua comunicação.

E o discurso indireto livre mescla a fala do narrador e do personagem. Do ponto de vista gramatical, o discurso é do narrador; do ponto de vista do significado, o discurso é do personagem.

O efeito de sentido do discurso indireto livre está entre a subjetividade e a objetividade.



TEXTO COMPLEMENTAR

O texto complementar deste Roteiro de Atividades se trata de uma poesia escrita por Patativa do Assaré e cantada por Luiz Gonzaga. Relata fielmente a história do sertanejo nordestino, que por falta de condições para sobreviver em meio à seca de algumas regiões do nordeste, migra para o sudeste em busca de melhores condições de vida. Mas ao chegar a seu destino, depara-se com uma realidade dura e exclusiva das cidades capitalistas que exige cada dia mais o preparo de seus cidadãos. Além de sofrer com preconceito e despreparo, o nordestino muitas vezes é enganado pelos seus patrões. Sendo assim, o “sonho de um dia voltar” relatado na música fica cada dia mais distante, obrigando o nordestino “a viver como escravo no norte e no sul”.

Nesta atividade, convido você, querido (a) aluno (a), a mergulhar no universo daquele que, conhecedor das temerosas tormentas do mar da vida, canta o sertão que é seu.

A TRISTE PARTIDA

Patativa do Assaré

Meu Deus meu Deus
 Setembro passou
 Outubro e Novembro
 Já tamo em Dezembro
 Meu Deus, que é de nós,
 Meu Deus, meu Deus
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Com medo da peste
 Da fome feroz
 Ai, ai, ai, ai

A treze do mês
 Ele fez experiência
 Perdeu sua crença
 Nas pedras de sal,
 Meu Deus, meu Deus
 Mas noutra esperança
 Com gosto se agarra
 Pensando na barra
 Do alegre Natal
 Ai, ai, ai, ai

Rompeu-se o Natal
 Porém barra não veio
 O sol bem vermelho
 Nasceu murto além
 Meu Deus, meu Deus
 Na copa da mata
 Buzina a cigarra
 Ninguém vê a barra
 Pois a barra não tem
 Ai, ai, ai, ai

Sem chuva na terra
 Descamba Janeiro,
 Depois fevereiro
 E o mesmo verão
 Meu Deus, meu Deus
 Entonce o nortista
 Pensando consigo
 Diz: "Isso é castigo
 não chove mais não"
 Ai, ai, ai, ai

Apele pra Março
 Que é o mês preferido
 Do santo querido
 Senhor São José
 Meu Deus, meu Deus
 Mas nada de chuva
 Tá tudo sem jeito
 Lhe fuge do peito
 O resto da fé
 Ai, ai, ai, ai

Agora pensando
 Ele segue outra tria
 Chamando a família
 Começa a dizer
 Meu Deus, meu Deus
 Eu vendo meu burro
 Meu jecue e o cavalo
 Nós vamos a São Paulo
 Viver ou morrer
 Ai, ai, ai, ai

Nós vamos a São Paulo
 Que a coisa tá feia
 Por terras alheia
 Nós vamos vagar
 Meu Deus, meu Deus
 Se o nosso destino
 Não for tão mesquinho
 Cá e pro mesmo cantinho
 Nós torna a voltar
 Ai, ai, ai, ai

E vende seu burro
 Jumento e o cavalo
 Inté mesmo o calo
 Venderam também
 Meu Deus, meu Deus
 Pois logo aparece
 Feliz fazendeiro
 Por pouco dinheiro
 Lhe compra o que tem
 Ai, ai, ai, ai



Em um caminhão
 Ele joga a família
 Checou o triste dia
 Já vai viajar
 Meu Deus, meu Deus
 A seca terrível
 Que tudo devora
 Lhe dita pra fora
 Da terra natá
 Ai, ai, ai, ai

O carro já corre
 No topo da serra
 Oíando pra terra
 Seu berço, seu lar
 Meu Deus, meu Deus
 Aquele nortista
 Partido de pena
 De longe atena
 Adeus meu ludar
 Ai, ai, ai, ai

No dia seguinte
 Já tudo enfiado
 E o carro embalado
 Veloz a correr
 Meu Deus, meu Deus
 Tão triste, coitado
 Falando saudoso
 Seu filho choroso
 Exclama a dizer
 Ai, ai, ai, ai

De pena e saudade
 Papai sei que morro
 Meu pobre cachorro
 Quem dá de comer?
 Meu Deus, meu Deus
 Já outro pergunta
 Mãezinha, e meu gato?
 Com fome, sem trato
 Mimi vai morrer
 Ai, ai, ai, ai

E a Linda pequena
 Tremendo de medo
 "Mamãe, meus sinquebo
 Meu pé de fulô?"
 Meu Deus, meu Deus
 Meu pé de nozeira
 Coitado, ele seca,
 E minha boneca
 Também lá ficou
 Ai, ai, ai, ai

E assim vão deixando
 Com choro e gemido
 Do berço querido
 Céu lindo azul
 Meu Deus, meu Deus
 O pai, pesaroso
 Nos filho pensando
 E o carro rodando
 Na estrada do Sul
 Ai, ai, ai, ai

Chegarão em São Paulo
 Sem cobre quebrado
 E o pobre acanhado
 Procura um patrão
 Meu Deus, meu Deus
 Só vê caha estranha
 De estranha gente
 Tudo é diferente
 Do caro torrão
 Ai, ai, ai, ai

Trabalha dois ano,
 Três ano e mais ano
 E sempre nos prano
 De um dia voltar
 Meu Deus, meu Deus
 Mas nunca ele pode
 Só vive devendo
 E assim vai sofrendo
 É sofrer sem parar
 Ai, ai, ai, ai

Se alguma notícia
 Das banda do norte
 Tem que por sorte
 O gosto de ouvir
 Meu Deus, meu Deus
 Lhe bate no peito
 Saudade lhe molha
 E as água nos oio
 Começa a cair
 Ai, ai, ai, ai

Do mundo afastado
 Ali vive preso
 Sofrendo desprezo
 Devendo ao patrão
 Meu Deus, meu Deus
 O tempo rolando
 Vai dia e vem dia
 E aquela família
 Não volta mais não
 Ai, ai, ai, ai

Distante da terra
 Tão seca mas boa
 Exposto à caçoa
 A lama e o paú
 Meu Deus, meu Deus
 Faz pena o nortista
 Tão forte, tão bravo
 Viver como escravo
 No Norte e no Sul
 Ai, ai, ai, ai

www.jangadeiroonline.com.br

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 5

Leia como se define prosopopeia:

Prosopopéia – consiste em dar características de seres animados a seres inanimados, ou ainda, em dar características humanas a animais ou objetos.

DE NICOLA, José; INF ANTE, Ulisses. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 436.

Assinale a alternativa em que ocorre prosopopeia.

- a) a. perdeu sua crença / nas pedras de sal.
- b) b. ninguém vê a barra / pois barra não tem.
- c) c. sem chuva na terra / está tudo sem jeito.
- d) d. a seca é terrível /que tudo devora.

Habilidade Trabalhada

Identificar as figuras de linguagem recorrentes no gênero estudado.

Resposta Comentada

Alternativa e.

A questão 6 explora conhecimentos sobre figuras de linguagem, mais especificamente sobre prosopopeia, figura que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados, ou ainda, em atribuir características humanas a animais ou objetos. É correta a alternativa D – ‘a seca é terrível / que tudo devora’, afirmativa que apresenta a seca - fenômeno da natureza - como ser animado, agente da ação de devorar. Nas demais alternativas, não ocorre a prosopopeia. Na A, o sujeito é o pobre nordestino – ser animado-

que ‘perdeu suas crenças/ nas pedras de sal’. Na B – ‘ninguém vê a barra/pois barra não tem’, o sujeito animado (ninguém) aparece claramente. Na C – ‘Sem chuva na terra / está tudo sem jeito’, ao sujeito (tudo) nenhuma característica de ser animado está sendo atribuída.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Implementação

Quando foi pedido para fazer o RA versão original, confesso que fiquei preocupada, pois já teria que trabalhar com outro romance e não dar continuidade ao A volta ao mundo em 80 dias, visto que os alunos começaram a se familiarizar com a obra e amadurecer os conhecimentos sobre a mesma. O RA - versão preliminar 2º ciclo, dá continuidade ao romance e fixa alguns conteúdos já trabalhados no do 1º ciclo.

Como eu já havia tecido em meus comentários nos fóruns, o meu maior vilão neste final de bimestre foi o tempo, por isso utilizei o RA do 2º ciclo como atividade avaliativa e obtive sucesso na resolução das questões propostas. A cada dia que se passou e a cada atividade que foi apresentada, mesmo diante de toda dificuldade encontrada, os alunos se apresentaram mais abertos e receptíveis.

Concordo com muitos colegas quando afirmam que precisamos ampliar o conhecimento dos nossos alunos, que devemos oferecer a eles outros tipos de leitura para que eles possam conhecer outras obras, mas acredito também que diante de uma realidade como a minha e de muitos outros professores, os alunos encontrariam muita dificuldade de se trabalhar outra obra de imediato, por isso optei por trabalhar o RA Original como Atividade Avaliativa.

Devido ao tempo escasso e corrido, aproveitei as dicas que alguns colegas sugeriram e apliquei o RA – versão original como um trabalho avaliativo em equipe. Disponibilizei, com antecedência, para os grupos, um resumo da obra O Quinze de Rachel de Queiroz que foi tema do meu RA, mas como eu já tinha previsto, ouvi muitas reclamações quanto à leitura de outra obra para se fazer um trabalho. Como era avaliativo, levaram os resumos para casa para que fizessem a leitura e, em outra aula, resolveram as questões propostas no trabalho.

Quando começaram a fazer o trabalho, encontraram um pouco de dificuldade, visto que tenho uma realidade muito diferente das demais escolas, onde os alunos têm um grau elevado de dificuldade de aprendizagem e, também porque se tratava de outra obra que, devido ao curto tempo de que dispunha, impossibilitaria um aprofundamento maior sobre o tema abordado. Por isso, tive que interferir e auxiliá-los na realização das questões. Eles não conseguiram acabar no mesmo dia. Levaram duas aulas para responder. Apesar de toda reclamação, realizaram um bom trabalho, pois, como disse a colega Bruna em seu comentário no Fórum Problemas e Sucessos, já estavam “afiadinhos” no modelo de atividade proposta pelo RA.

Quando fui selecionada para fazer o Curso de Formação Continuada, confesso que me senti insegura, pois sei que o novo causa medo e ansiedade, mas acredito que essa descoberta está dentro de um processo mais geral, que na verdade é o início de assumir o novo em nós.

Diante dessa insegurança inicial e apesar de toda dificuldade encontrada, chego ao final desta jornada do Curso de Formação Continuada muito satisfeita e realizada, sabendo que preciso melhorar para superar os momentos de insegurança na condução desse processo do conhecimento, preciso ser flexível, adaptando o meu planejamento à realidade encontrada, preciso saber driblar o tempo que muitas vezes é curto, preciso ainda ter sabedoria diante de um pai que implica com o trabalho realizado e acima de tudo AMOR e DEDICAÇÃO ao magistério para lidar com os empecilhos que surgem em sala de aula e/ou no dia a dia, pois o caminho a ser trilhado exige grande responsabilidade para com a formação de pessoas melhores e nossa prática educativa deve estar em volta.

Para finalizar o meu relatório, gostaria de deixar os meus agradecimentos aos meus colegas cursistas, que com suas experiências me ajudaram muito e, em especial, a você, querida tutora Katia, que com muita sabedoria sempre esteve presente com grandes contribuições, estimulando, incentivando de forma pessoal e em grupo em exatamente todas as atividades. Não houve simplesmente nenhum dia que eu tenha sentido que você estava ausente.

Sua dedicação e disponibilidade ao grupo me motivou a estudar e pesquisar, de maneira prazerosa e dinâmica. Sua postura ética me levou a uma atuação crítica quanto a

pesquisas e fontes, levando-me a refletir continuamente sobre minhas produções e debates em fóruns.

Você foi para mim durante essa curta, mas importante etapa, a intermediária, a guia para minha maturidade em relação a essa plataforma de ensino, me ensinou que barreiras vão sempre existir, mas que é muito importante transpô-las com sabedoria. Desde já, quero agradecer o empenho e a dedicação que teve não só comigo, mas com nosso grupo, foi uma satisfação imensa ter aprendido com uma pessoa tão culta e graciosa. Que Deus abençoe você, e muito obrigada por tudo!